

## MUNDO

# “São os ex-guerrilheiros que dão poder negocial à Renamo” no processo de paz

**Alex Vines** Duas semanas após a morte do líder histórico da oposição moçambicana, especialista em política africana faz ponto da situação: os sinais positivos, os retratos cirúrgicos e a antecipação do futuro de Moçambique

### Entrevista Bárbara Reis

Alex Vines, fundador e director do Programa de África da Chatham House, o prestigiado *think tank* britânico, conhece Moçambique desde 1984. Publicou um livro em 1991 (*Renamo: terrorism in Mozambique*) e integrou a equipa eleitoral da UNOMOZ, a missão da ONU que acompanhou as presidenciais de 1994, em Chibuto, província de Gaza.

Vines é o tipo de analista que, a seguir à morte de Afonso Dhlakama, telefona a várias pessoas da Renamo e da Frelimo para tomar o pulso ao ambiente político. Diz que os ex-guerrilheiros continuam a ter muito poder e que a escolha de Ossufo Momade para supervisionar a transição da Renamo após a morte do líder histórico o coloca como o candidato mais forte na linha de sucessão.

#### O que viu de relevante em Moçambique desde a morte de Dhlakama, a 3 de Maio?

Foi muito importante o facto de o funeral ter tido muita dignidade. O discurso do Presidente de Moçambique e de outras pessoas no funeral; a presença de diferentes grupos da Renamo nas cerimónias; do outro partido, o MDM [Movimento Democrático de Moçambique], com Daviz Simango e José Domingos; e até Ivete Fernandes, viúva do antigo secretário-geral da Renamo [Evo Fernandes, assassinado em Lisboa em 1988]: tudo isso foi muito importante e vai ajudar a Renamo no futuro.

A nomeação de Ossufo Momade como líder interino também é uma boa decisão, porque uma parte-chave da Renamo são os militares e os funcionários públicos de meia-idade. Ossufo vai conseguir gerir essa transição de forma responsável. Tive uma

surpresa: a intervenção no funeral de Ivone Soares, a sobrinha de Dhlakama. Percebo que é uma das candidatas à sucessão de Dhlakama, mas nas cerimónias fúnebres soou deslocada. Avaliou mal a situação, usando-a para aumentar a sua base de apoio na corrida à liderança do partido.

#### O que quer dizer com “má avaliação”?

O Presidente Nyusi mostrou atitude de Estado e sensibilidade, dada a história difícil entre a Renamo e a Frelimo. A única nota desafinada foi Ivone Soares. A meu ver, isso significa que ela estará a sentir-se sob pressão e enfraquecida. Ela apoiava-se muito no tio. A morte de Dhlakama muda essa dinâmica.

#### O que o impressionou tanto na intervenção de Ivone Soares?

Estava muito emocionada, não usou um tom muito conciliador, tentou apelar ao apoio dos jovens da Renamo, mostrou demasiado as suas credenciais – deixando claro que era a sobrinha de Dhlakama e líder da bancada parlamentar da Renamo na Assembleia da República. Foi um discurso que surpreendeu. Em inglês dizemos *raised eyebrows*. E, no caso, Ivone Soares fez enrugar a testa à Frelimo, aos diplomatas e até na própria Renamo houve caras de espanto. É claro que

ela estava comovida. Dhlakama é da família, não é apenas o seu líder. Isso explica uma parte. Mas também é indicativo de que a luta pela sucessão está em cima da mesa.

#### Na Renamo, há alas que a vêem como uma mulher demasiado jovem, urbana e cosmopolita para representar o partido. Qual é a sua leitura?

Tudo isso é verdade. Não me parece que um moçambicano de 40 ou 50 anos que vive em Sussundenga [Manica] ou Gorongosa [Sofala] lhe dê grande atenção. O poder de Ivone Soares decorre muito do seu tio. Ela é uma senhora de Maputo, cosmopolita e urbana. E, além disso, não tem muito autocontrolo e tem grande dificuldade em perdoar a Frelimo. É neste aspecto que ter Ossufo Momade como figura de transição – e ele pode vir a tornar-se o líder da Renamo – é uma boa escolha.

Ele é mais ponderado, tem a experiência da guerra, tem o respeito dos antigos combatentes. Alguma imprensa, sobretudo da África do Sul, disse que “a Renamo de Momade” ameaçara abandonar as negociações de paz com a Frelimo, mas não é de todo verdade. Não há dúvida sobre qual é a vontade da Renamo: eles querem acordos de paz duradouros. O processo de paz vai avançar. Esse foi o último desejo de Dhlakama. Ele compreendia as pessoas do centro de Moçambique, que são as bases do partido. Sabia o que elas querem. Hoje, as bases da Renamo são pessoas de meia-idade: querem oportunidades para os filhos. Isso significa que há aqui uma possibilidade. Mas os políticos têm de agir com boa-fé. Tanto a Renamo como a Frelimo. **Civil ou militar: qual é o melhor perfil para o futuro líder da Renamo?**

A escolha terá que ser feita pelo partido. Na Renamo nunca



**O processo de paz vai avançar. Esse foi o último desejo de Dhlakama. Ele compreendia as pessoas do centro de Moçambique**



## “Hoje as bases da Renamo são pessoas de meia-idade: querem oportunidades para os filhos



ANTÓNIO SILVA/LUSA

mas não querem lutar por ele. Há anos que toda a actividade militar da Renamo é feita por homens de meia-idade e são eles próprios que dizem aos jovens para se manterem afastados do conflito e concentrarem-se na sua educação.

Esta é uma questão geracional. E é um sinal forte de que a Renamo quer encontrar uma solução duradoura para as questões pendentes. Parece que a eleição dos governadores [das províncias, hoje nomeados pelo Presidente da República] está resolvida: a Frelimo já concordou e só falta oficializar. Quanto aos outros temas pendentes – integração dos ex-militares nas forças de segurança nacionais e a desmobilização – há um acordo praticamente fechado. Quando Dhlakama morreu, estavam a oito semanas de o terminar.

**A morte de Dhlakama ajuda ou complica esse processo?**

A curto prazo, vai desacelerar o processo. Penso que não vão conseguir anunciar um acordo dentro das oito semanas previstas – vão estar ocupados a encontrar um novo líder. Mas a longo prazo, e se o Governo agir de boa-fé, pode significar a sobrevivência do acordo. Uma das fraquezas de Dhlakama era ser inconsistente. A sua opinião era a da última pessoa com quem tinha falado. Melhorou muito com os anos, mas a complexidade da sua personalidade pode significar que a implementação dos acordos que venham a ser feitos seja mais fácil e mais duradoura sem ele. Nesse aspecto, Momade é muito diferente.

**A Renamo ainda não decidiu se o novo líder será escolhido num congresso extraordinário, pelo Conselho Nacional ou por um Conselho Nacional alargado. Ainda é um partido sem regras internas claras?**

Sim. Os congressos da Renamo foram sempre simples exercícios de confirmação de Dhlakama. Até houve um congresso que teve de ser feito por telefone: Dhlakama estava escondido no centro, ligou para a Beira, onde os militantes estavam reunidos, e foi reconduzido por telefone. Para mim, o que é surpreendente

é a Renamo – mesmo tendo Dhlakama estado várias vezes à beira de ser morto pelo Governo – nunca ter acreditado que um dia ele morreria. Estavam totalmente impreparados para a sua morte. Isto também mostra que Dhlakama era um homem muito inseguro e que nunca deu espaço para que outros emergissem – talvez a excepção tenha sido, um pouco, a sobrinha. Na Renamo, a sucessão nunca foi tema de debate.

**Uma das questões é saber se a Renamo tem fundos para fazer um congresso extraordinário para eleger o futuro líder.**

A Renamo não tem dinheiro, tem muito pouca experiência e todas as pessoas do partido com quem falei nos últimos dias estão muito traumatizadas com a morte de Dhlakama. Não há instituições, não há procedimentos. Os congressos do partido nunca foram democráticos. O paradoxo é que Dhlakama autoproclamou-se “pai da democracia de Moçambique” – e a Renamo forçou, com sucesso, a abertura do espaço político –, mas nunca houve democracia na Renamo. O primeiro congresso foi organizado pelo governo da África do Sul no tempo do *apartheid*. A história da Renamo está cheia de contradições. Infelizmente é para “inglês ver”, nada mais. Nesse sentido, a Frelimo, com as suas facções, sempre foi mais democrática.

Desde que Dhlakama regressou à violência armada, a disciplina foi reforçada. O regresso à violência armada, em 2013, foi

“O paradoxo é que Dhlakama se proclamou ‘pai da democracia de Moçambique’, mas nunca houve democracia na Renamo

uma forma de reafirmar a sua autoridade.

**É realista a Renamo adiar a escolha do novo líder durante meses?**

A Renamo só vai precisar de resolver a questão da liderança no princípio de 2019. Nessa altura, precisam de um candidato para as eleições presidenciais. Para as autárquicas, não é muito relevante. Provavelmente vão concorrer com Ossufo Momade e podem à mesma conseguir bons resultados, uma vez que há muitos moçambicanos decepcionados com a Frelimo. Nas últimas autárquicas, a Renamo não concorreu e o MDM ficou com os seus votos. Neste momento, uma das questões é saber se haverá uma plataforma comum da oposição.

**Esta “nova era” é uma possibilidade para uma democratização interna da Renamo?**

Os políticos profissionais da geração mais nova, como Ivone Soares e Bissopo, dizem que os militares não devem controlar a Renamo e que é necessário mais democracia. Vamos ver. Suspeito de que o coração da Renamo continuará a ser formado pelos militares do partido: são eles que têm as armas, são eles que têm poder sobre a Frelimo, pois podem forçá-la a regressar às negociações – e um dos resultados disso poderá ser a eleição dos governadores das províncias e a Renamo ganhar cinco províncias, o que seria um enorme sucesso.

**Nunca tiveram nenhum.**

Sim e isso terá sido interpretado por Dhlakama como um sinal de que tão cedo não seria Presidente de Moçambique. Para a sobrevivência da Renamo, ele tinha de mostrar algum progresso, e eleger governadores era uma forma de o fazer. Mas a Frelimo também tem de compreender que, numas eleições livres, poderá perder a maioria na Assembleia da República. Para um partido de libertação nacional que está no poder, esse é um cenário muito difícil de aceitar.

breis@publico.pt

DR  
houve discussão democrática. Tudo girou sempre em torno do comandante Dhlakama. Vamos ver quão aberto vai ser este debate. Mas o facto é que a principal base de apoio da Renamo são os ex-guerrilheiros do centro de Moçambique. São eles que dão à Renamo o poder negocial que obriga o governo a negociar e a chegar a compromissos. Imagino que os militares vão ter um papel predominante nesta questão. A escolha de Ossufo Momade para supervisionar a transição já mostra isso. Dos três interessados ao lugar – Ivone Soares, Bissopo e Momade – ele está, naturalmente, na posição mais forte. É um antigo guerrilheiro. Bissopo é de uma geração mais nova, nunca lutou na guerra civil, que acabou em 1992. Aliás, uma das coisas incríveis da Renamo é que os “seus” jovens votam no partido,